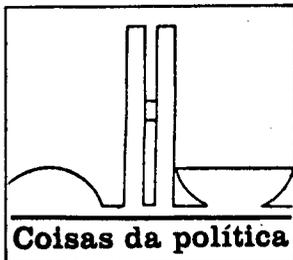


Marcos Sá Corrêa

SEGUNDO o horóscopo de Brasília, que é regido pelo movimento de vagos astros pelas esferas oficiais, o país está condenado a passar esta semana falando bobagem. Para tanto, o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, se aliou ao do Senado, José Fragelli, e juntos vão produzir um programa de televisão sobre a impopularidade do Congresso — a questão que já encheu de palavras ocas a semana passada.

Não fossem eles representantes de um Poder público, com a prerrogativa de mandar prender gente em cadeias nacionais de telecomunicações, dificilmente um programa desses faria muito ruído — uma vez que a impopularidade de um tema é, pela lógica do telespectador, uma garantia de mau Ibope. Mas esse programa, da próxima quinta-feira, tende a dar audiência, em parte porque é compulsório, mas sobretudo pelas circunstâncias em que vai ao ar, com prefixo musical por uma orquestra de microfones parlamentares entoando denúncias: de que o Legislativo está cercado. Desta vez não por militares, mas por uma matilha de civis armados de gravadores e máquinas fotográficas. Ou, direto ao enredo — por jornalistas em campanha de difamação contra a chamada Casa do Povo.

Com esses ingredientes, a história fica mais picante. O Congresso se considera a sede da Nova



Coisas da política

República. Maltratá-lo, nessa linha de raciocínio, é uma forma enviesada de balançar o regime. Será isso o que provavelmente estará no fundo das proclamações do Deputado Ulysses Guimarães e do Senador José Fragelli — mesmo que eles, oradores que são, escolham o mais longo caminho retórico para chegar à advertência. Trata-se em todo caso de um enunciado curioso. Se ficar comprovado, entronizará em Brasília o paradoxo neo-republicano: para manter aberto o regime, convém fechar um pouco a imprensa, que no entanto é a medida dos regimes abertos.

O princípio de que no Congresso pulsa o coração do regime lembra, por sinal, uma parábola do humorista Luis Fernando Veríssimo, publicada recentemente pela revista *Veja*. Um grupo de carcomidos da ordem militar, cansados de aturar denúncias de corrupção no Governo passado, resolve golpear a Nova República em seu **bunker**: evidentemente o Congresso Nacional, no meio de uma sessão. Desfechada a operação, o encarregado liga para a central dos conspiradores com seu informe. Mais ou menos assim: “Mão de Gato? Aqui fala Colarinho Branco. Tomei o plenário, mas não encontrei ninguém. Câmbio”.

“Tira os tubos”, responderia o carcomido de Jô Soares, se as personagens do humorismo dialogassem entre si. Não dialogam — o que talvez seja melhor, pois se livram de acabar também arroladas nas listas de suspeitos da tal campanha de maledicência contra o Congresso. Pois não está afastada a hipótese de uma espécie de caça às bruxas da difamação parlamentar, se políticos que chegaram ao poder meses atrás, ainda embebidos nos projetos de oposição, já começam a ligar para redações e

emissoras de TV, pedindo aquilo que no ano passado intitulavam censura à imprensa.

O pior é que tudo por culpa de um mal-entendido. Este Congresso é mal-amado pelo país. A evidência está nos índices de anonimato em que deputados e senadores cumprem — com ou sem presença em plenário — os seus mandatos. Aos olhos do público, são desconhecidos. Uma pesquisa ainda fresca do Ibope não conseguiu encontrar, nas cinco principais cidades brasileiras — portanto, nos centros mais politizados do Brasil — senão uma estreita faixa de eleitores capazes de citar nomes das bancadas de seus Estados.

Se a evidência é fácil de apreender nos gráficos das pesquisas de opinião, as causas da impopularidade não podem estar em qualquer campanha de desmoralização — exatamente porque o eleitor não parece sequer indignado com o Congresso. Está simplesmente distante, alheio e indiferente. Se houvesse uma opinião pública identificada com deputados e senadores, uma campanha de imprensa contra o Congresso — se houvesse uma — não seria apenas inócua, mas com toda a probabilidade arriscada para os jornais, as revistas, as estações de rádio e as TVs que a veiculassem. O público não atura com muita paciência os atentados a seu voto. Basta ver como reagiu à indiferença do noticiário pelo movimento das diretas, no começo do ano passado. Ou como foi para as ruas, em 1982, protestar até com violência contra as engrenagens da fraude eleitoral, montada na apuração das urnas no Rio de Janeiro.

A debilidade do Congresso é que o eleitorado não enxerga nele uma criação de seu voto. Nem

poderia — porque não foi. Este, como se sabe, é o Legislativo nascido do voto vinculado, o artifício usado em 1982 para deter o avanço do PMDB numa eleição em que as principais estrelas, em todos os Estados, eram os candidatos aos Governos estaduais, que pela primeira vez em mais de uma década se disputavam em processo direto. O resultado é que raríssimos eleitores escolheram de fato seus senadores e deputados. Foram obrigados a procurar, dentro da chapa do partido do candidato a governador, os nomes necessários a encher os quadradinhos do resto da cédula. Um exemplo anedótico de como funcionou essa fórmula é o PDT do Rio de Janeiro, onde nem o próprio Governador Leonel Brizola conhecia direito os deputados federais que vieram na enxurrada de sua vitória. Ao conhecê-los, depois de eleitos, rompeu com muitos deles — e alguns são agora seus adversários políticos, como Sebastião Nery e Agnaldo Timóteo.

Depois de parar em Brasília pelo voto vinculado, o Congresso passou a primeira metade da legislatura metido em causas impopulares. Aprovou leis de arrocho salarial, derrubou a emenda do voto direto e, sobretudo, passou longos meses olhado nas ruas como suspeito de venalidade, enquanto o país acreditou que o Colégio Eleitoral, feito em sua maioria de deputados e senadores, venderia a sucessão presidencial. Ele chega, nesta hora, ao terceiro ano de mandato, o último antes de novas eleições, e é natural que ande meio nervoso. Não precisava é ficar também paranóico a respeito do destino da instituição. O Congresso vai ficar. O que talvez não fique, depois do ano que vem, são algumas centenas de parlamentares.